

As razões da(s) língua(s). Na produção de conhecimento e na educação superior

María Teresa Celada

Recebido em: 20 de maio de 2018

Aceito em: 4 de junho de 2018

Atua na Área de Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana na FFLCH/USP desde 1992. Como integrante do comitê do Projeto número 8 da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL) sobre "Políticas del lenguaje de América Latina" (https://www.mundoalfal.org/es/pt_objetivos), atualmente sua pesquisa se concentra em abordar a questão das línguas no campo da produção de conhecimento e do Ensino Superior, e na construção do "Observatório PLiCiES" (Políticas da linguagem na Ciência e na Educação Superior). Contato: maitetchu@terra.com.br

PALAVRAS-CHAVE:

Línguas; Inglês; Produção de conhecimento; Educação superior.

O presente artigo aborda questões relativas ao funcionamento, tanto no plano da produção de conhecimento quanto no da educação superior, da evidência segundo a qual “o inglês é a língua universal da ciência”. Nesse sentido, após apresentar as razões pelas quais essa vocação monolíngue deve ser interrompida, traz propostas de inovação focalizando a questão de que, no debate acadêmico contemporâneo, se torna fundamental refletir sobre o funcionamento da linguagem e, nas práticas presentes nas referidas esferas, abrir espaço para as diversas línguas.

KEYWORDS: Languages; English; production of knowledge; Higher education.

The present article addresses issues concerned with the functioning, even in terms of the production of knowledge, and in higher education, of the premise that “English is the universal language of science”. In regard to that, after approaching the reasons why this monolingual premise proposition must be objected, it brings a new set of proposals focusing on the question that, in the contemporary academic debate, it becomes fundamental to reflect on the functioning of language and opens space for the multiple languages in the practices that are present on those spheres mentioned.



Começarei por uma breve introdução registrando aspectos que se referem aos motivos deste texto e, mais especificamente, às condições nas quais foi produzido; esse movimento já permitirá antecipar as partes nas quais ele será organizado.

Dentro de um contexto muito sensível ao modo como no processo de internacionalização pelo qual passam atualmente as universidades são tratadas as línguas e, também, à questão das políticas que prevalecem ao redor dessas nos planos da produção científica e do ensino superior, numa das mesas da reunião do “Grupo de Trabalho em Análise do Discurso”,¹ no XXXII Encontro Nacional da ANPOLL (“Associação de Programas de Pós-graduação em Letras e Linguística”) de 2016, o debate passou claramente por essa problemática e daí surgiu a proposta de elaborar uma carta que seria dirigida à respectiva diretoria, o que efetivamente foi feito alguns meses depois. A iniciativa respondia a que acreditávamos que essa associação (pela representação que supõe na dimensão nacional²) constituía uma das instâncias mais apropriadas para funcionar como porta-voz e começar a instalar um debate sobre um aspecto que opera como pressuposto: a tendência ao monolinguismo a favor do inglês tanto na produção de conhecimento quanto na educação superior, algo que vem sendo aceito como uma evidência com relação à qual “não há o que se fazer”.

Alguns meses depois, a diretoria da ANPOLL, que já publicara no site institucional a carta encaminhada pelo referido GT, atuou em parceira com

1 Disponível em: <<http://anpoll.org.br/portal/pt/grupos-de-trabalho/>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

2 Nesse sentido, cabe observar que, no referido documento, uma das solicitações argumentava a favor de que fossem promovidas discussões nos âmbitos nacional, regional e internacional.

o “Fórum de Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas” (FCHSSA) na organização do Seminário “A internacionalização das CHSSA: dimensões conceituais”, realizado no auditório do CNPq em junho de 2017. Essa parceria garantiu justamente que no tratamento do atual processo de internacionalização estivesse presente, como uma das arestas desse debate, a questão das línguas.

As mesas-redondas que compuseram o evento se concentraram em três temáticas: “Internacionalização das ciências brasileiras: dimensões institucionais e cienciométricas”; “Cooperação Sul-Sul/Cooperação Sul-Norte em CHSSA: dimensão política e conceitual” e “Inovação e Globalização – o lugar das CHSSA”.³ Foi justamente nessa última que li, em representação da ANPOLL,⁴ uma primeira versão do presente texto.

Falar nesse evento significou abrir o diálogo com uma plateia com presença maciça de cientistas sociais, historiadores e geógrafos. A discussão realizada nas duas primeiras mesas deixara clara – dentre outros aspectos⁵ – a necessidade de produzir uma apropriação do conceito de internacionalização e em vários momentos veio à tona, numa marcada posição de subordinação,

3 Todas as mesas foram filmadas e publicadas pelo FCHSSA: <<https://blogfchssa.wordpress.com/2017/08/10/assista-os-vidEOS-do-seminario-a-internacionalizacao-das-chssa-dimensoes-conceituais/>>. A programação completa está em <<https://blogfchssa.files.wordpress.com/2017/05/programacao-seminario-de-internacionalizacao-das-chssa.pdf/>>. Acesso em: 19 fev. 2018.

4 Aproveito para agradecer à diretoria da ANPOLL (biênio 2016-2018), o convite e o auxílio recebidos para participar no evento.

5 Vale a pena ler as questões e encaminhamentos aprovados na plenária de encerramento do referido evento organizado pelo FCHSSA, com a parceria da ANPOLL, publicados em: <<https://blogfchssa.wordpress.com/2017/07/06/a-internacionalizacao-das-chssa-dimensoes-conceituais-conclusoes-do-seminario-realizado-no-cnpq-brasilia-22-e-23-de-junho-2017/>>. Acesso em: 06 mar. de 2018.

a questão do inglês como “língua inevitável”. Hoje, neste escrito, retomo os sentidos do texto lido naquela plateia, no qual defendia a necessidade de conceber a linguagem e as línguas como uma questão altamente relevante quando se pensa em internacionalização e em todas as arestas que essa implica; sem dúvida, a questão deve constituir uma preocupação das conduções universitárias, dos órgãos reguladores de pós-graduação e das agências de fomento, e atravessar todos os campos do conhecimento. E isso não pode se reduzir ao âmbito nacional: torna-se premente – insisto – gerar e ou ampliar redes regionais e internacionais.

Após esta introdução, passo à segunda parte – “A língua do saber” – na qual me centrarei justamente em tratar o previsto no título deste artigo: a razão da(s) língua(s); já na terceira, me debruçarei – atendendo à temática que me impunha a participação na mesa do referido evento: “Inovação e Globalização – o lugar das CHSSA” – sobre a consideração de algumas perspectivas que, da minha perspectiva, são uma forma de inovação. Por fim, encerrarei com um breve posfácio: um adendo no qual deixarei o registro de algumas possíveis ações.

“A LÍNGUA DO SABER”

Começarei pinçando algumas ideias do texto publicado num jornal argentino em 2012, de autoria de Tatián,⁶ docente e pesquisador na área de

⁶ Disponível em: <<https://www.pagina12.com.ar/diario/universidad/10-206420-2012-10-26.html>>. Acesso em 19 fev. 2018. É importante registrar que o texto também foi publicado na *Revista abehache* – vol. 1, n. 4. – no ano de 2013. Disponível em: <<http://revistaabehache.com.br/index.php/abehache/article/view/97/96>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

Filosofia da UNCor-Argentina. O título do artigo é “La lengua del saber”, o que nos leva ao cerne da questão que quero abordar.

O estudioso (ibid.) inicia sua reflexão retomando a resposta a uma pergunta que considera recorrente em encontros acadêmicos nos quais a universidade busca pensar suas rotinas de transmissão do saber e de produção de conhecimento: quando um conhecimento é crítico? É a resposta que ele mesmo dá é: quando a pesquisa não se desentende de um conjunto de perguntas que acompanha – e às vezes incomoda – a produção e transmissão de conhecimentos: para quê? Para quem? Com quem? Quem decide e por quê? A quem serve? Quais interesses satisfaz? Contra quem pode ser usado? Essa série de considerações o levam a concluir que:

la crítica sería el acompañamiento del trabajo académico e intelectual por una reflexión acerca de su sentido que precisamente resguarda al conocimiento de su captura por el mercado o por poderes fácticos de cualquier índole; es decir lo resguarda [...] en favor de un compromiso social explícito y lúcido que, por tanto, no mengua su libertad sino más bien la expresa (Tatián, 2012).

O próprio autor faz questão de esclarecer que a pertinência da crítica não deve ser pensada como algo exclusivo da filosofia, das humanidades e das ciências sociais; ao contrário, deve estar presente nas novas linguagens e ideias concebidas pelas engenharias, nos múltiplos saberes sobre saúde e doença que irrompem na medicina, na reflexão do mundo econômico capaz de desnaturalizar modelos que se apresentam como inevitáveis e necessários; e, assim, em todos os outros campos, como o das ciências naturais, o do direito, o da arquitetura.

Sob essa mesma inspiração crítica – que justamente resguardará o conhecimento de sua submissão a premissas neoliberais – Tatián (ibid.) reivindica a recuperação do espanhol como **língua do saber**, como “língua científica e filosófica”, afirmação que submete às seguintes inflexões:

Esa prerrogativa no equivale a promover un provincianismo autoclausurado y estéril, sino un universalismo en español que se acompaña con el aprendizaje de muchas otras lenguas para acceder a todas las culturas y entrar en interlocución con ellas contra la imposición de una lengua única.

O sintagma *lengua única* – que se refere a algo que se apresenta como dado – começa a prefigurar a presença do inglês, o que fica mais claro ao avançar na leitura:

*El desarrollo del español como lengua del saber, del pensamiento y del conocimiento académico postularía **un internacionalismo de otro orden, babélico y no monolingüe**, y requeriría un cambio radical en nuestra cultura de autoevaluación universitaria y científica (grifos meus).*

Coloco em destaque o fragmento que faz referência aos efeitos que o autor interpreta possíveis a partir dessa mudança e que permitem ver claramente que a questão da língua (ou das línguas) na produção de conhecimento está relacionada a uma série de outros aspectos e, que portanto, não podem ser abordadas separadamente: dentre eles, o da avaliação universitária e científica.

Nessa linha de sentidos, Tatián (ibid.) ainda faz uma denúncia e também traça um horizonte, ao observar que a mudança que propõe

consiste en la decisión de no reducir el propósito de la actividad científica a una comunicación de resultados en inglés para especialistas a través de revistas – paradójicamente llamadas de “alto impacto” – que efectivamente garantizan la calidad de las publicaciones, sino también – sin sacrificar lo anterior, además de ello – promover el español como lengua capaz de acuñar conocimientos e interpretar el mundo de manera singular.

Veamos que – mediante um comentário irônico – já se insinua a separação entre universidade e sociedade, ao fazer referência à circulação dos resultados de pesquisa e produção científica numa língua que, na maioria dos casos, não é a desta última, a da sociedade.⁷

No texto de Tatián que aqui lemos parcialmente, o sintagma “La lengua del saber” funciona como a expressão de uma prerrogativa e de um forte desejo; uma utopia, para cuja realização são precisos certos investimentos:

La tarea de volver al español una lengua hospitalaria de la ciencia y una herramienta para su transmisión requiere de una decisión política – de la universidad, del Conicet, pero también de los investigadores, cuyo trabajo, de manera explícita o tácita, se halla confrontado con cuestiones políticas por relación a la lengua.

⁷ Nesse sentido, gostaria de retomar a afirmação realizada por Vladimir Safatle (USP), num evento (disponível em: <<http://flch.usp.br/464>>, acesso em: 28 mar. 2018) ao qual farei referência no posfácio. Nele, lembrando o caso do latim, o estudioso alertava sobre o fato de que a universidade poderia terminar quebrando seu vínculo com a sociedade e se transformar num **gueto de luxo**.

No artigo, após se pronunciar – com base em formulações de Chauí – contra “o discurso competente”,⁸ o autor conclui refletindo sobre a experiência latino-americana e sobre a necessidade de encontrar “o comum”, não como algo dado, mas como uma conquista do saber. Nesse contexto, considero oportuno e necessário transferir as afirmações realizadas a respeito do espanhol ao plano da língua do brasileiro, do português deste espaço. Em ambos os casos, parafraseando o autor (ibid.), se trataria de explorar as línguas em suas possibilidades ocultas e de levá-las a sua máxima expressão, o que não abjura de colocá-las em interlocução com todas as outras.⁹

A série de considerações realizada por Tatián permite refletir sobre o fato de que uma língua pode ser projetada como aquela à qual reservamos um lugar de suposto saber. Tal concepção desestabiliza um sentido fortemente cristalizado em nossa sociedade, segundo o qual as línguas são concebidas apenas como instrumentos ou ferramentas. A produtiva equivocidade inscrita na materialidade do sintagma “la lengua del saber” permite pensar que uma língua em particular e em si mesma “seria capaz de portar saberes” (singularmente fecundos na hora de formular conceitos ou de produzir conhecimento) pela memória específica que guarda ou carrega em seus significantes expressivos e nas formas sintáticas que lhe são próprias. O jogo

8 O autor faz referência ao conceito de Marilena Chauí desenvolvido na obra: *Cultura e democracia: o discurso competente e outras palavras*. São Paulo: Cortez, 13ª Ed – original de 2005.

9 O autor ainda aposta na necessidade de gerar muitas “línguas menores” abrigadas pelo espanhol e – acrescentamos nós – pelo português, sem deixar de pensar na série das outras línguas que atravessam o espaço da América Latina. É clara aí a referência ao conceito formulado por Deleuze, G. e Guattari, F. O que é uma literatura menor? In: *Kafka. Por uma literatura menor*. (Trad. por Júlio Castañon Guimarães.) Rio de Janeiro: Imago, 1977. (Original em francês: *Kafka. Pour une littérature mineure*. Paris: Editions de Minuit, 1975.)

de sentidos aí apontado leva a interpretar “a língua do saber” também como “a língua que detém saber” e, desse modo, é possível chegar na reivindicação de “o saber da língua”.

A modo de ilustração, penso em alguns significantes que funcionam de modo singular: no português, “entremeio” tem lhe rendido a Orlandi (1996), na reflexão que desenvolve na Análise do Discurso, uma conceitualização significativa a respeito de como pensar as relações disciplinares e, eu mesma, quando dentro desse campo disciplinar escrevo em espanhol, mantenho a palavra em português. Lembro, também, do significante “inversiones” (em espanhol), capaz de significar simultaneamente com os sentidos de “inverter” e de “investir” do português; com frequência, quando abordo o modo como um sujeito da linguagem é afetado quando aprende uma nova língua me refiro com apenas uma palavra (*inversiones*) aos “investimentos” subjetivos que deve realizar para nela se inscrever e, também, às “inversões” pelas que passa porque, com frequência, as formas de dizer dessa língua – à qual deve se submeter – o “viram de ponta cabeça”. Trago, por fim, o caso de *decâlage*, do francês, um significante que pode contribuir, dentro de um trabalho de conceitualização, na caracterização de uma determinada “assimetria”, pois carrega ao mesmo tempo os sentidos de diferença – defasagem – deslocamento; para dar um exemplo relacionado à temática aqui abordada, poderíamos dizer que, neste momento, na educação básica do Brasil opera uma *decâlage* entre o inglês e as outras línguas estrangeiras: uma assimetria em cuja base opera uma relação de desigualdade.¹⁰

10 Aproveito para registrar que não temos como não pensar na Educação Básica quando falamos das línguas no ensino superior. O modo como nasceu o programa “Idiomas sem fronteiras” (2012), do Governo Federal brasileiro, colocou em evidência que é preciso se ocupar na Universidade daquilo que continua não resolvido ou mal resolvido na escola.

A série de casos citados para indicar algum dos saberes que carrega uma língua entra em clara relação com a sintaxe da produção de conhecimento e, de modo especial, com a escrita: nessa experiência estamos expostos à possibilidade de dizer aquilo que permanecia na ordem do impensado, nos deparando com formas e significantes – aos quais a própria materialidade da escrita nos submete – que, na reflexão, nos fazem ir além do que tínhamos planejado dizer.¹¹ O trabalho implícito com a língua (ou línguas) na experiência da escrita apresenta suas singularidades em cada área das ciências; pense-se, por exemplo, para o caso das humanas e sociais na necessidade de contextualização,¹² nos modos de autoria e na extensão dos textos. Nesse sentido, nos parece relevante citar o quadro formulado por Hamel (2013, p.355) sobre o funcionamento das línguas na circulação científica:

Nº	Grupo	Ciencias	Presencia del inglés	Tipo de registro (tecnolecto)
1	Ciencias formales y naturales	matemáticas, física, química, biología, etc.	Monopolio casi total del inglés	Lengua especializada universal de características formularias, pero sintaxis textual de cada lengua natural
2	Ciencias naturales aplicadas, tecnologías	biología aplicada, medicina, ingeniería, informática?, etc.	Hegemonía del inglés , pero sin un predominio total	Lengua especializada universal + registros aplicados específicos en cada lengua natural
3	Ciencias sociales	sociología, economía, antropología, etc., incluye algunas ciencias humanas como la psicología y lingüística	Fuerte presencia del inglés , pero con amplios espacios propios en las lenguas nacionales	Lengua especializada más estrechamente relacionada con las lenguas naturales, relativamente poca homogeneización internacional e interlingual
4	Ciencias humanas	Filosofía, historia, geografía, literatura, filología, etc.	Mayor arraigo en sus propias lenguas , aunque el inglés está presente	Lenguaje especializado muy arraigado en las lenguas naturales, presencia fuerte de las diferencias culturales

11 Como diz Clarice Lispector: “Ao escrever eu me dou as mais inesperadas surpresas”. A frase corresponde a uma entrevista realizada à escritora, conforme registro de Berta Waldman em seu livro: *Clarice Lispector* (São Paulo: Brasiliense, 1983).

12 Se compararmos com a produção de um artigo em astronomia, essa necessidade funciona de modo diferente.

Na direção ascendente, temos uma gradação segundo a qual nas Ciências Humanas haveria uma linguagem especializada muito enraizada nas “línguas naturais”, com presença forte de diferenças culturais – aspecto que se mantém, de alguma forma, no campo das sociais. Já no campo das tecnológicas (nas quais operam determinadas formas de precisão e de estabilização lógica de sentidos) e no das naturais, vai-se na direção de uma língua especializada “universal”, porém com sintaxes ancoradas nas “línguas naturais” e – seria possível acrescentar – nas práticas de escrita fortemente codificadas nas comunidades acadêmicas, vinculadas concretamente às formas materiais e a funcionamentos específicos de cada uma das diversas línguas.

Em contraste com a possibilidade de cada língua (“natural”) se fortalecer na produção da sintaxe e terminologia em cada um dos diversos campos de produção de conhecimento, passamos pelo processo de naturalização do inglês como a língua universal da ciência e, nesse sentido, a dupla afirmação de “a língua do saber” - “o saber da língua” conduz a reconhecer certas “perdas”. Algo se perde, em termos de conhecimento, quando se responde à injunção a escrever apenas em inglês; a possibilidade, por exemplo, com base no que sugere o próprio Tatián (ibid.), de explorar cada língua – dentro das práticas científicas e/ou acadêmicas – em suas possibilidades ocultas. Nesse sentido, também algo se perde na relação sujeito/ciência, quando o monolinguismo atinge ou afeta (ou inibe) a enunciação desse sujeito. Hagège (apud Arnoux, 2016)¹³ faz clara referência a isso ao falar do vínculo profundo entre “o

13Hagège, C. *Contre la pensée unique*. Paris: Odile Jacob. 2013, p.122.

pesquisador e os instrumentos de raciocínio ou de conceitualização próprios de sua língua principal: aquela na qual ele aprendeu a descobrir e nomear o mundo, aquela na qual domina melhor a precisão argumentativa”.

Esta lengua [la propia] posee sus propias libertades y sus propias restricciones cognitivas, y es utilizándola que el investigador puede más fácilmente innovar, pues con comodidad puede llegar al extremo de sus intuiciones. Por el contrario, una investigación que se exprese solo en una lengua con pretensiones de universalidad frena la innovación, obliga a aquel que no la tiene como lengua principal a formulaciones prestadas y, al limitar por eso mismo sus capacidades de conceptualización, termina por imponer una ciencia conservadora.

Por fim, as próprias línguas, ao serem deixadas de lado nas diversas práticas de escrita científica em nome de privilegiar uma única, também perdem; esse fato afeta a possibilidade de dar continuidade à rica e necessária desterritorialização pela que passam ao criar terminologia e ao **devir** (no sentido deleuzeano) pela sintaxe e a formulação discursiva implícitas na produção e/ou circulação de conhecimento. Arnoux (2016), no texto intitulado “Minorización lingüística y diversidad: en torno al español y al portugués como lenguas científicas”, pondera:

La minorización lingüística implica, en las situaciones más comunes, limitar las funciones de una lengua, los ámbitos de uso y, en consecuencia, no equiparla suficientemente para que se desempeñe en ellos, lo que trae aparejadas limitaciones discursivas (ya que hay géneros o esquemas argumentales que no se desarrollan) que inciden también, en algunos casos, en otros aspectos como el léxico (caren-

cias en algunas terminologías, por ejemplo) o en la sintaxis (descarte en cierto campo de la actividad social de oraciones con subordinaciones propias de textos complejos escritos).¹⁴

Lembro do registro tão expressivo realizado por Meliá ao falar do guarani, num texto no qual advogava contra o mito do bilinguismo no Paraguai. Citando um artigo de 1971 de sua autoria,¹⁵ reafirma (1988, p.113):

Como se ve, verdaderos bilingües (habría que precisar más: los bilingües coordinados) son imposibles en el Paraguay, ya que es imposible manejar con facilidad igual, ni casi igual, las dos lenguas, española y guaraní. La razón está en que hay temas inaccesibles de hecho para el guaraní, y esto debido a la evolución concreta del guaraní, no a defectos estructurales de la lengua en sí. (grifos meus).

No fragmento destacado, no qual é possível ver que Meliá vincula a razão do funcionamento do guarani aos efeitos de um processo histórico e político, há como reconhecer os resultados de um processo de minorização linguística com alto impacto na produção de determinadas práticas

14 Neste ponto, considero relevante apontar que o debate dessas questões no Seminário: “A internacionalização das CHSSA: dimensões conceituais” possibilitou que no documento final o item 15, relativo às línguas, deixasse o seguinte registro:

A internacionalização passa necessariamente por questões linguísticas que são necessárias para relações mais adequadas entre pesquisadores/as, sendo fundamentais esforços em duas frentes: **manter a via anglófona e definir estratégias para inclusão de português, espanhol e outras línguas na internacionalização** (Disponível em: <<https://blogfchssa.wordpress.com/2017/07/06/a-internacionalizacao-das-chssa-dimensoes-conceituais-conclusoes-do-seminario-realizado-no-cnpq-brasilia-22-e-23-de-junho-2017/>>. Acesso em: 06 mar. 2018, grifos meus).

15 Meliá, B. El guarani dominante y dominado. *Acción*, 11. Asunción: 1971, p.21-26.

discursivas. O caso tem a capacidade de suscitar claramente a representação sobre tais consequências, levando a tomar consciência da necessidade de produzir reações e posicionamentos diante de políticas capazes de afetar a possibilidade de que cada língua, em particular, se desterritorialize (e expanda) no dizer dos vários campos do conhecimento.

UM HORIZONTE: O QUE SERIA INOVAR?

Retomando o título da mesa na qual a primeira versão deste texto foi apresentada: “Inovação e Globalização – o lugar das Ciências humanas, sociais e sociais aplicadas”, considero importante trazer algumas propostas, não sem antes contextualizá-las dentro – tal como propõe Nóvoa (2017, p.51) – de uma linha de reconstrução “da cultura de debate e de crítica, marcada pela interação, pelo diálogo, pela leitura conjunta dos nossos trabalhos, pela capacidade de nos envolvermos numa conversa intelectual com os outros”. Nessa cultura do debate crítico é preciso formular propostas que interrompam a reiteração de certos sentidos que vêm se naturalizando na memória discursiva. Isso já seria, para mim, **innovar** e teria uma incidência sobre o sujeito da ciência que vai tendendo a permanecer numa **tomada de posição desengajada**, numa posição subjetiva assumida apenas para ser parodiada, como poderia observar com base nas observações de Zoppi-Fontana (2015, p.250), a partir do conceito de “cinismo” formulado por Baldini (2012). Trata-se de um cinismo que esse autor (ibid., p.111) não vê como postura direta de imoralidade, mas como a própria moral ao serviço da imoralidade: assim, mesmo que não levemos as coisas a sério – e que, para dar apenas um exemplo, pensemos que não é preciso publicar com

determinados *timings* aceitando a cultura de “publicar ou perecer” (Nóvoa, 2017, p.47) –, isto é, mesmo que mantenhamos uma distância irônica com o que fazemos, continuamos a fazê-lo.

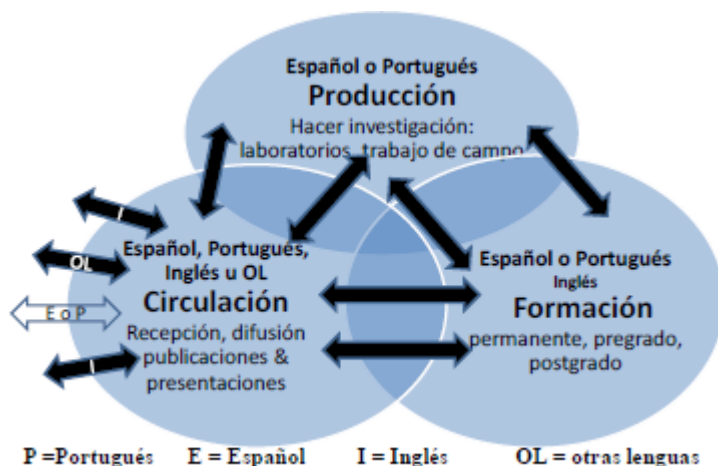
A observação me leva a falar de uma série de palavras de ordem que afetam a vida desse sujeito do conhecimento, produzindo um claro mal-estar (o mal-estar de uma cultura): nessa esteira, “produtivismo” e “excelência” talvez possam funcionar como as mais representativas, especialmente na área de humanas, na qual “novidade” e “avanço” – como diria Zoppi-Fontana (2015, p.227) – ressoam de modo muito particular, como termos que não parecem se aplicar a um campo que “não produz descobertas”. E, nesse sentido, penso na necessidade de se gerar uma **reação** – uma tomada de posição conjunta e coletiva – ancorada em nossa capacidade de reflexão e de produzir aquilo que “nos es comum”, retomando uma formulação de Tatián (2012), isto é, algo que não está dado, que supõe uma conquista do saber, do pensamento, da arte e da política – um objeto de interrogação e um desejo. Para tanto, minha proposta é se pensar no contexto latino-americano como um espaço geopolítico e cultural no qual me parece relevante e necessário apostar de uma perspectiva linguística e discursiva.

Neste ponto, considero produtivo retomar formulações de Hamel (2016),¹⁶ estudioso que vem se debruçando sobre a questão do multilinguismo nas CES (Ciência e Educação Superior),¹⁷ pensando justamente no espaço da América Latina. Sua proposta contempla e integra o inglês como objeto de

¹⁶Ver também Hamel (2013).

¹⁷O autor tem realizado importantes publicações acerca do processo de naturalização do inglês como língua universal da ciência e de toda a série de aspectos que isso implica, dentre outros: métricas

uma apropriação a ser feita a partir de uma posição não subalterna, fato que implica o fortalecimento do espanhol, do português e das outras línguas presentes nesse território. Vejamos os três subcampos detalhados pelo linguista (ibid., 14), dentro do que ele mesmo chama do “Campo Sociológico & Comunicacional de Ciencia y Educación Superior en América Latina”:



De acordo com o próprio Hamel (ibid.), a esfera da “produção” está relacionada, justamente, à produção científica: ao fazer ciência, que inclui planejamento e execução; a da “circulação” se vincula à recepção, elaboração e divulgação de resultados, mediante publicações, apresentações e outras formas; a terceira diz respeito à “formação” do capital humano das ciências

de avaliação e o non-sense de tais métricas que, com frequência, se concentram num sistema de citações detectado por um software.

e das profissões, e, por fim, as setas representam as conexões múltiplas entre esses subcampos.

Antes de passar à proposta presente nesse esquema, considero importante frisar a necessidade de se atentar para algo fundamental: que o subcampo da **circulação** não seja focalizado de modo isolado ou exclusivo, recortando o “produto final”, sem que esse seja considerado como parte de um processo. De fato, parafraseando Hamel (2013, p.350), não se entende por **produção científica**, tal como poderíamos esperar, o processo complexo, quase sempre coletivo e interativo, de desenvolver uma pesquisa, mas somente seu resultado final: a publicação objetivada na escrita e divulgada em órgãos legitimados pelo próprio campo. Quando se trata de tomar decisões de políticas científico-linguísticas é conveniente – de acordo com o que assinala o próprio autor (ibid.) – integrar esses três subcampos (produção, circulação e formação) para não desconsiderar o processo total, o que implica um reconhecimento saudável das relações entre as dimensões de ensino e de pesquisa no universo do fazer universitário. Um argumento que ajuda a pensar nessa colocação é a crescente crítica que se faz aos sistemas de avaliação bibliométrica, que carecem de uma fundamentação qualitativa em seus princípios de seleção e de classificação: cabe pensar, por exemplo, no *impact factor*.

Ora, da minha perspectiva, o esquema elaborado por Hamel indica um projeto de trabalho que, nas universidades, deveria levar a refletir sobre as línguas não apenas a partir de uma visão instrumental que focaliza a finalidade comunicativa, mas como fazendo parte de processos de constituição dos sujeitos da ciência e do modo como essa é cunhada **na e pela** linguagem.

Inclusive, poderia levar a formular novas propostas curriculares, talvez, atravessadas – de acordo com as necessidades – por disciplinas de língua nas diversas faculdades.¹⁸ Isso implica, também, repensar o lugar e o funcionamento dos Centros de Línguas em nossas universidades – tal como observou o próprio Hamel num evento¹⁹ ao qual ainda farei referência no posfácio.

Retomando o fio condutor deste item do presente texto, gostaria de afirmar que, no complexo processo de globalização que atravessamos, o lugar das Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas²⁰ é, sem dúvida, o de **inovar** propiciando a produção de discursos e ações que promovam a interrupção de processos que hoje afetam de modo singular a relação sujeito/ciência, como já antecipei no início deste item. O sujeito do conhecimento se submete hoje a produzir, numa lógica de reiteração de processos já cristalizados, refém do ritmo e dos demais parâmetros “determinados” pelas instituições. Orlandi (1983, p.126) entende esse tipo de produção como “produtividade”, observando que mantém o homem num retorno constante ao espaço da paráfrase. A autora retoma essa reflexão (Orlandi, Guimarães e Tarallo, 1989, p.26) para afirmar que

18 Conheço especialmente o caso da “Universidad Nacional del Litoral” que, desde 1997, vem implementando um projeto que implicou uma reforma curricular que integra as línguas estrangeiras nos diversos cursos. Esse foi um dos modos como a instituição expressou sua resposta à demanda de internacionalização das universidades.

19 Disponível em: <<http://fflch.usp.br/464>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

20 Retomo a designação do Fórum organizador do Seminário no qual este texto foi lido originalmente.

A **produtividade** é a dimensão técnica, a contrapartida da criatividade. É reiteração de processos já cristalizados pelas instituições. Dessa forma a produtividade se caracteriza pelo estabelecimento de “novas” unidades, “novos” processos, pela reprodução das mesmas operações, dos mesmos procedimentos (grifos meus).

Essa formulação a leva a concluir que “A produtividade produz o “mesmo” sob formas variadas”. A esse conceito a autora contrapõe o de **criatividade**, que define (ibid., 27) como: “Ruptura com o processo de produção dominante” e “conflito entre o instituído, o institucionalizado e o que tem de se instituir”. Assim, observa (ibid.): “é a instituição do ‘novo’, em um sentido mais radical, em relação à produção” e no seu funcionamento, não “se reiteram as mesmas operações ou os mesmos procedimentos, mas se criam realmente novos processos, novas unidades”. Na linguagem, conclui (ibid.), a produtividade “se expressa pela *paráfrase* (as formas diferentes do mesmo) e a criatividade, pela *polissemia* (o diferente)”, que aponta para a ruptura.

As formulações de Orlandi levam a uma conclusão: inovação e produtividade são dois termos que fazem parte da metonímia – à qual já fizemos alusão neste texto²¹ – altamente regular nos discursos institucionalizados que interpelam o sujeito do conhecimento no sentido de que ocupe determinadas posições respondendo às ações que lhe são demandadas. No entanto, de acordo com o raciocínio da autora, eles entrariam numa clara contradição ou oposição,

21 Outros termos ou variantes dessa metonímia são “produtivismo”, “excelência”, “novidade” e “avanço”.

pois a produtividade não implicaria necessariamente inovação, ao contrário, implicaria reprodução do mesmo “sob formas variadas” – o que, em todo caso, leva a pensar num simulacro do novo. Considero que isso se coloca de maneira muito clara nas áreas das humanas e sociais, e de modo específico nas outras áreas, sobretudo, ao retomar a formulação de Tatián (2012) sobre a necessidade de produzir um conhecimento crítico – algo que, cabe lembrar, não deveria ser exclusividade da filosofia, das humanidades e das ciências sociais.

Na necessidade de operar na tensão entre os dois processos – paráfrase e polissemia²² – dentro de uma produção crítica que promova a criatividade, faz-se necessário trabalhar com as diversas línguas, pois apagá-las, privilegiando o monolinguismo, implica silenciar a potência singular de cada uma delas, estancando sua desterritorialização. Por isso, torna-se fundamental defender a ideia de que cada língua merece ser trabalhada e expandida na procura dos efeitos de estabilização dos sentidos (necessária em maior ou menor grau nas diferentes áreas), na busca da precisão e, sem querer fechar a enumeração, no modo de lidar com a ambiguidade ou o equívoco que poderão permitir o deslizamento numa outra direção argumentativa ou conclusiva. Esse é o trabalho de indagação e exploração – próprio das ciências, em suas diversas áreas e procedimentos – ao qual as línguas devem ser submetidas e que elas não podem nem devem perder.

Por fim, gostaria de dizer, que na internacionalização – termo do qual, a partir do debate, é necessário se apropriar para (res)significá-lo – a reflexão

²²Lembrando que, para Orlandi (1983, 126), a polissemia é “a fonte do sentido”.

sobre a linguagem e sobre suas modalidades de existência²³ deve estar na base de uma proposta que dê sustento, dentro de uma visão crítica, à tensão entre paráfrase e polissemia no funcionamento de nossa cultura de pensar e de fazer nas universidades. Como é possível ver, a área dos Estudos da Linguagem tem muito a contribuir na reflexão sobre os processos discursivos e linguísticos envolvidos na produção de conhecimento. Nesse sentido, ela não deveria hesitar em instalar o debate e levá-lo adiante.

POSFÁCIO

De acordo com a proposta apresentada, várias são as ações a serem projetadas e desenvolvidas. Uma delas tem a ver diretamente com promover campanhas de divulgação e discussão que nos permitam desenvolver procedimentos argumentativos e, sobretudo, dialogar com colegas de outras áreas para formular o que “nos é comum” com relação à questão da língua ou das línguas na ciência e na educação superior. Dentro da cultura que propõe Nóvoa (2017), é preciso projetar o debate numa rede que atinja diversas instâncias e cujo espectro deve ir de um trabalho de sensibilização micro a um diálogo com as diversas instituições e órgãos que reforce, realimente e legitime essa base.

Num nível micro, parece-me importante retomar uma prática que pode funcionar como exemplo: o debate organizado pelo “Programa de

23 Penso – dentro da pluralidade à qual remete o termo “linguagem” – nas diversas materialidades (a verbal, a não verbal); no funcionamento das diversas línguas (português, espanhol, inglês, francês, guarani, quéchua) e nas relações entre elas; nas diversas práticas acadêmicas, filiadas a diferentes tradições; nos padrões normativos; nas relações entre a dimensão oral e escrita; nos modos de autoria na forma de produzir conhecimento.

pós-graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana” (USP) em março de 2017, sob o título: “As línguas na produção de conhecimento científico e na educação superior”. A mesa contou com a presença de um palestrante, no caso o já referido Prof. Rainer Enrique Hamel (UAM-México); como debatedores estavam presentes o Prof. Vladimir Safatle (Departamento de Filosofia/USP e atual presidente da “Comissão de Cooperação Internacional” da FFLCH/USP) e um professor do Instituto de Biologia dessa mesma universidade: o Prof. André Frazão Helene.²⁴

Foi enriquecedor poder contar com as perspectivas dos três pesquisadores e com suas experiências de escrita e produção. A do biólogo foi especialmente interessante e, neste ponto, retomo apenas uma de suas observações: a que o levou a frisar que a da Biologia é uma área construída em inglês, com mecanismos de avaliação que a tornam absolutamente mensurável. Nesse sentido, explicitou uma preocupação: na lógica fechada de produção nessa área se deixa de atender o filão de alunos de graduação e pós-graduação, em boa parte, porque se produz e publica quase que exclusivamente em inglês.²⁵ O que considero que vale a pena retomar é o fato de que para o pesquisadora ideia de defender o inglês para consagrá-lo como “a língua” não funcionava como pressuposto; ao contrário, tanto no diálogo quanto na apresentação de suas posições coincidiu com boa parte das colocações realizadas por

24 Release a cargo de Eliete Viana e vídeo disponíveis em: <<http://fflch.usp.br/464>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

25 A exposição do Prof. Helene pode ser assistida, como antecipei, em: <<http://fflch.usp.br/464>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

Hamel e por Safatle, concordando com a necessidade de promover práticas de produção que respeitassem o português.

Uma ação que também considero necessária resgatar, como exemplo de determinados tipos de intervenções possíveis, é a Resolução n° 2385 do “Ministerio de Educación” de Argentina, de 9 de setembro de 2015, na qual se estabelece, com relação à escrita e defesa de trabalhos de pós-graduação:

*La escritura del trabajo final será realizada en **lengua española o portuguesa**, cuando se trate de carreras institucionales o interinstitucionales argentinas y la defensa será realizada en lengua española o portuguesa y concretada en una sede física perteneciente a una institución universitaria, preferentemente donde la carrera fuera dictada. Excepcionalmente y por razones debidamente fundadas la redacción y defensa del trabajo podrá hacerse en otro idioma (grifos meus).*

O fato de que nessa normativa se plasmasse a alternativa destacada em negrito foi fruto de um trabalho político iniciado nas universidades, especificamente na de “Filosofia y Letras”, e supõe uma intervenção que interrompe a regularidade de certos imaginários sobre o português e o espanhol na região do Cone Sul.

Finalmente, parece-me necessário mencionar a existência de uma convocatória elaborada pelo Comitê Acadêmico do Projeto de Pesquisa Permanente número 8 (“Políticas de lenguaje en América Latina”) da ALFAL (“Associação de Linguística e Filologia da América Latina”)²⁶ e aprovada na assembleia realizada no último congresso, celebrado em Bogotá

26A informação sobre os projetos está disponível em: <http://www.mundoalfal.org/?q=es/pt_proyectos>. Acesso em: 15 abr. 2018.

em 2017. Convido o leitor a acessar a página <http://www.mundoalfal.org/?q=es/pt_noticias> e ler este texto: “Por uma ciência e educação superior pública, gratuita, crítica, humanista e intercultural, baseada em modelos plurilíngues de investigação e docência”. Ao redor dele, neste momento são desenvolvidas uma série de ações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arnoux, Elvira Narvaja de. “Minorización lingüística y diversidad em torno al español y al portugués como lenguas científicas”. In: Rinesi, E. (ed.). *Hombres de una América Libre. Univesidad, inclusion social e integración cultural en Latinoamérica*. Buenos Aires: Universidad Nacional de General Sarmiento, 2016, 251-267.
- Baldini, Lauro J. “Discurso e cinismo”. In: Mariani, B.; Medeiros, V. (orgs.). *Discurso e...* Rio de Janeiro: 7Letras-Faperj, 2012, 103-112.
- Hamel, Rainer Enrique. “El campo de las ciencias y la educación superior entre el monopolio del inglés y el plurilingüismo: Elementos para una política del lenguaje en América Latina.” In: *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 52.2, 2013, 321-384. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8645377>>. Acesso em: 04 jun. 2017.
- _____. Los flujos del imperio. La construcción del monopolio del inglés en el campo de las ciencias y la educación superior – Alternativas desde América Latina, México: manuscrito, 2016. Disponível em: <<http://hamel.com.mx/Archivos-Publicaciones/Hamel-2016-Los-flujos-del-imperio.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2017.
- Meliá, Bartomeu. “Diglosia en el Paraguay (o la comunicación desequilibrada)”. In: Orlandi, Eni Pulcinelli. (org.) *Política lingüística na América Latina*. Campinas: Pontes, 1988, 111-119 (original: 1973).

Nóvoa, António. “Em busca da Liberdade nas Universidades, é tempo de dizer ‘não’”. In: *Revista da ADUSP*, 60, 2017, 46-53. Disponível em: <<https://www.adusp.org.br/index.php/imprensa/revista-adusp/2872-maio-2017>>. Acesso em :19 jun. 2017.

Orlandi, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

_____. *Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996, 63-78.

_____, Guimarães, E. e Tarallo, Fernando. “O saber discursivo e a sociedade”. In: _____. *Vozes e contrastes. Discurso na Cidade e no Campo*. São Paulo: Cortez, 1989, 9-44.

Tatián, Diego. “La lengua del saber”. In: *Página/12*. Buenos Aires: Editorial La Página, 2012. Disponível em: <<https://www.pagina12.com.ar/diario/universidad/10-206420-2012-10-26.html>>. Acesso em: 20 fev. 2018

Zoppi-Fontana, Mónica. “Slowscience: A temporalidade da ciência em ritmo de ‘impacto’”. In: *Revista Leituras*, v. 2., n. 56, 2015, p.223-257.